

## OS PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS DOS MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR EM SERGIPE (1958-1964)

*Acácio Nascimento Figueredo*

Universidade Tiradentes

*Bianca Sthephanny*

Universidade Tiradentes

### Resumo

Esse trabalho visa analisar os movimentos de educação e cultura popular em Sergipe, de modo particular o Movimento de Cultura Popular (MCP), a União Estadual dos Estudantes Secundaristas (UEES) e o Centro Popular de Cultura (CPC da UNE). Tem como objetivo geral discutir os processos socioeducativos desses movimentos em Sergipe. A metodologia desenvolvida será a revisão bibliográfica. Ressaltamos que os estudos aqui desenvolvidos buscam uma breve análise do objeto investigativo da tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes em Sergipe. Concluímos que esses movimentos produziram práticas socioeducativas voltadas à democratização dos processos socioculturais em Sergipe e desenvolveram práticas educativas libertadoras às classes populares, ainda que nos limites do conservadorismo político e do populismo no Brasil. No primeiro subitem analisaremos os processos socioeducativos dos Movimentos de Educação Popular - MCP em Sergipe e no segundo subitem analisaremos os processos socioeducativos do Centro Popular de Cultura – CPC da UEES.

**Palavras chave:** Educação Popular. Movimentos Sociais. Processos Educativos.

### Introdução

Em 1960, o Brasil estava passando por grandes mudanças políticas: Jânio Quadro venceu as eleições presidenciais de 1960, assumindo em 31 de janeiro de 1961. Sua campanha para presidente foi marcada pelo símbolo da vassoura (sentido dado ao combate à corrupção). Entretanto devido a problemas econômicos como a inflação e outros aspectos políticos e culturais resolveu renunciar em 25 de agosto de 1961.

João Goulart (Jango) em meio a visita na China socialista sabe da renúncia de Jânio. As forças conservadoras do Brasil tinham receio que o Brasil fosse ocupado pelas ideias comunistas a exemplo de Cuba, Rússia e China. Houve a tentativa de impedir que Jango tomasse posse. O exército brasileiro, a Oligarquia e o capital internacional buscaram naquele período um acordo que atendesse seus interesses econômicos e políticos. Devido o limite diante da Constituição brasileira que no caso de renúncia do presidente quem assumia era o vice. De certa forma para atender seus interesses aceitaram o regime do parlamentarismo. João Goulart só assumiu de fato como presidente no início de 1963 em meio ainda a crise política.

Do Período de 1960 até dia 31 de março de 1964 vão surgir em âmbito nacional movimentos educativos e culturais no campo e na cidade voltados a mobilização das classes populares com a participação de operários, estudantes, meeiros, camponeses. Podemos destacar o MCP, o CPC da UNE, as Ligas Camponesas, a Aliança Nacional Libertadora, sindicatos, entre outros movimentos. Vão pipocar processos socioculturais capazes de tremer a estrutura política conservadora. Esses movimentos conseguem mobilizar novas ideias e práticas questionando as bases conservadoras do pensamento da elite brasileira.

Como forma de reverter a situação em que se encontrava os brasileiros, mais especificamente, os sergipanos, os movimentos de educação e cultura popular desenvolveram programas e ações com o objetivo de alfabetizar e conscientizar a sociedade, através de: apresentações por meio do Teatro Gato de Botas (TEGÊBE), o Movimento de Cultura Popular (MCP) com os círculos de cultura e atividades artísticas; o Centro Popular de Cultura (CPC) com apresentações teatrais e o Movimento de Educação de Base (MEB) com as escolas radiofônicas, estão dentre as principais ações sociais.

Para tratar dessas questões esse trabalho busca compreender os processos socioeducativos dos Movimentos de Educação e Cultura popular. No primeiro subitem analisaremos os processos educativos do MCP em Sergipe. E no segundo subitem analisaremos os processos educativos do CPC das UEES.

### **Os Processos educativos do Movimento de Cultura Popular (MCP) em Sergipe**

Em 1960 havia um índice muito alto de analfabetismo. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) havia 39,7% da população brasileira de analfabetos. Por conta dessa realidade começa a surgir em todo o Brasil os movimentos de Educação e Cultura Popular. Inicialmente no ano de 1960 é criado o Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife. Em 1961 é criado o Movimento de Educação de Base (MEB) em Sergipe e Rio Grande do Norte e em 1962 é criado o Centro Popular de Cultura na União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE).

Esses movimentos desenvolveram processos socioeducativos, políticos e culturais diretamente ligados à organização e mobilização das classes populares. Logo nosso intuito é analisar o Movimento de Cultura Popular (MCP) em Sergipe. Entretanto, para a compreensão mais detalhada desse movimento faz-se necessário conhecer seu histórico, sua origem e seus processos políticos e educativos, desde as primeiras experiências. Como forma de facilitar a

compreensão do início da experiência do MCP, faremos referência a fontes bibliográficas que ilustram os fundamentos presentes nos processos educativos e políticos desse movimento. O Movimento de Cultura Popular (MCP) surgiu em Recife no ano de 1960, oriundo das lutas sociais, empreendidas pelo Movimento Popular. Destaca-se naquele momento a efervescência do campo e da cidade em Pernambuco, especificamente da atuação de estudantes, artistas, na área rural as ligas camponesas, entre outros movimentos sociais que reivindicavam serviços públicos, historicamente negados pelos governos municipal, estadual e federal.

Em Recife, a vinculação do Movimento de Cultura Popular com as camadas populares, como também com a prefeitura municipal de Recife, desde sua origem é explicitada nos jornais da época. Na ocasião, quando foi apresentado o Plano Municipal de Ensino ao prefeito de Recife;

A prefeitura municipal diante da situação calamitosa em que se encontra a população recifense em idade escolar, impossibilitada de estudar pela falta de unidades escolares. Prejudicadas estão mais de 50% das crianças, se forem consideradas as idades de 7 a 12 anos, e mais de 66%, ou seja, 98.281 crianças se se considerarem as idades de 5 a 14 anos. Por isso não poderia deixar a prefeitura de se interessar por um programa municipalista de educação, que viesse ao encontro da ação estadual num plano de cooperação a ser oportunamente ajustado.

A difusão de escolas nos bairros de Recife foi uma estratégia de ampliar a atuação do MCP através da expansão de escolas públicas municipais em cooperação com o governo estadual.

Operários da Prefeitura, segundo o que informou-nos o senhor Abelardo da Hora, estão trabalhando diuturnamente para que mais 10 escolas municipais sejam inauguradas no próximo domingo, nos bairros de Beberibe e Casa Amarela. Realizam obras de reboco, reposição de pisos e cobertura com telha inglesa dos 10 casebres cedidos por entidades particulares, onde a partir da próxima segunda feira estarão funcionando as novas salas de aula, ou seja, a 33ª escola primária inaugurada pelo Sr. Miguel Arraes, no sexto mês de sua administração.

O Sr. Abelardo da Hora, juntamente com a dona Anita Paes Barreto, jornalista Aloísio Falcão e professor Germano Coelho é dirigente do Movimento de Cultura Popular, novo organismo municipal, ligado a Difusão de Documentação e Divulgação, encarregado de dar solução do problema do analfabetismo em Recife.<sup>1</sup>

Ficou evidente que os problemas educacionais em Recife foi o que motivou a criação do Movimento de Cultura Popular. Paulo Freire participou ativamente no início desse

<sup>1</sup> **Fonte:** FORUM EJA BRASIL. Disponível em [www.forumeja.org.br](http://www.forumeja.org.br).  
Prefeitura inaugurará mais vinte escolas no mês corrente  
Diário de Pernambuco 01.06.1960, p.3.



movimento. A esse respeito esse educador apresentou os processos educativos e seus fundamentos.

Esses novos fundamentos pedagógicos serão desenvolvidos posteriormente após os escritos de Pedagogia do Oprimido, entretanto, já em **Educação como Prática de Liberdade** numa passagem singular, encontramos a concepção de educação ativa presente, substituindo os espaços educativos até então conhecidos, no lugar de escola, lançou o Círculo de Cultura, no lugar de professor, o Coordenador de debates e sobre o processo de alfabetização fez as seguintes considerações:

Desde logo, afastávamos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro. Pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada a democratização da cultura. Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação [...] E se já pensávamos em método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo os erros de uma educação alienada, por isso instrumental. (FREIRE, 1983, pp.105-106).

A educação ativa situou-se como pressuposto pedagógico essencial naquele momento histórico. Partimos do princípio que a prática educativa desse pressuposto pedagógico era germinada nos processos educacionais e políticos, intrinsecamente ligados aos movimentos de educação popular, as experiências sociais, culturais, artísticas, construídas junto às classes populares. Dali nasceram as técnicas, a modelagem, que semelhantes à técnica de tecelagem, muitas mãos se entrecruzaram na produção de um fim social e cultural. Aquelas experiências traduziam um modo de ser que não era dado, e não traziam fórmulas já definidas. A produção foi construída com muitas mãos. Mãos das artes, da cultura, das ideias pedagógicas, dos sociólogos, dos estudantes, dos operários. Essas mãos produziram novos cenários, novas possibilidades, sujeitos ativos, realidade em movimento e transformação. Esse autor relatou a experiência que fez parte, logo no germe do processo educativo que estava sendo iniciado;

[...] De modo geral, vínhamos conseguindo entre um mês e meio a dois meses, deixar grupos de vinte e cinco homens, lendo jornais, escrevendo bilhetes, cartas simples e discutindo problemas de interesse local e nacional. Acrescentamos ainda que um círculo de cultura se montava com um projetor de fabricação polonesa, chegado ao Brasil pelo custo de sete mil e oitocentos cruzeiros. Um Stripp-film, que nos custava, enquanto não montássemos nossos laboratórios, quatro a cinco mil cruzeiros. A projeção era feita na

própria parede da casa onde se instalava o círculo de cultura. Um quadro negro de baixo custo também. Nos locais onde se fazia difícil a projeção da parede, usávamos o quadro negro, cujo lado oposto, pintado de branco, funcionava como tela. (FREIRE, 1983, p.116).

Podemos considerar que essas experiências, mesmo em um tempo curto, produziram práticas educativas e políticas significativas. Práticas políticas, culturais, tecnológicas, as quais foram inovadoras e foram testadas em quase todas as regiões no Brasil. São essas práticas que iremos investigar no início dos anos de 1960 até abril de 1964 em Sergipe. Como foi observado no início dos anos de 1960 a sociedade brasileira vivia um processo contínuo de mobilização popular. Nesse período surgiram diversas manifestações populares como greves gerais, a luta pela reforma agrária no campo, entre outros processos de organização popular através dos movimentos de educação e cultura popular, voltados à democratização da cultura junto às classes populares. Em Sergipe não é diferente.

Dentro dessa configuração populista o projeto político e cultural que vinha sendo articulado com os movimentos de educação e cultura popular em Sergipe passa a ter o apoio governamental através da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, na qual os líderes das UEES se encontravam coordenando e participando da implantação do Movimento de Cultura Popular, em Sergipe.

José Vieira da Cruz (1998) fez um estudo histórico dos movimentos de cultura popular em Sergipe destacando o MCP e CPC da UEES. A esse respeito informou notícias da imprensa da época:

A Universitária Zelita Rodrigues Correia confirmou ontem a realização nos dias 25,26 e 27 do corrente a realização do I Encontro Estadual de Cultura Popular sob os auspícios do MCP, MEB e UEES (...). O I Encontro Estadual marcará uma nova etapa do programa de expansão da cultura popular (Gazeta de Sergipe, 16/10/1963).

Vale ressaltar que no âmbito nacional aconteceu em setembro de 1963 o I Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, o que no nosso entendimento instigou a realização dessa iniciativa no âmbito estadual. O apoio fornecido pelo MCP, através da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde era realizado através de concessão de espaços, contratação de diretores, montagens de peças. Contudo não devemos reduzir esse apoio apenas a questão infraestrutura, pois existia todo um cunho ideológico de suporte a essa parceria, balizada a ideia de uma transição democrática para uma nova sociedade.

A revolução democrática que se processa no país ganhou consciência popular, e em marcha acelerada persegue o seu grande momento com

reformas de base. Se as forças da reação não oferecerem grandes resistências, o processo desenvolvimentista se acomodará aos métodos legais com a aprovação dos projetos de lei agrária, bancária e administrativa (Gazeta de Sergipe, 17/09/1998). (CRUZ, 1998, p.53).

Dilma Maria Andrade de Oliveira (1989) trouxe as informações da ação do MCP em Sergipe, Essa autora ao tratar do início das atividades do Plano Nacional de Alfabetização informou que:

[...] a atuação do MCP se estende, quando em dezembro de 1963 Sergipe é escolhido como área piloto para a implantação no Nordeste do Plano Nacional de Alfabetização. Em dezembro de 1963, a Secretaria da Fazenda firma convênio com o Centro Nacional de Cultura Popular, para alfabetizar duzentas mil pessoas em todo o Estado. Para a execução do plano, a SEC – Secretaria de Educação e Cultura mobilizou colaboradores ligados a outros movimentos, tais como CEA, CPC da UEES, etc. Inaugura a Campanha o então Ministro da Educação, Júlio Sambarqui, proferindo palestra inicial o Professor Paulo Freire. (1989, p.71).

Essa experiência em Sergipe, mesmo sendo de pouca duração, de dezembro/1963 a abril/1964 possibilitou diversos processos educativos. Como área piloto o Plano Nacional de Alfabetização em Sergipe foi planejado alfabetizar 200 mil jovens com a criação de diversos centros e círculos de cultura. Esses processos juntamente com os processos educativos e culturais implementados pelo CPC da UEES mostraram a possibilidade da democratização de cultura junto às classes populares. Nesse sentido as medidas governamentais de João Goulart ligadas às reformas de base a partir de fevereiro de 1964, entre elas a reforma agrária e a reforma universitária que estava em curso sendo proposta pela UNE no âmbito nacional e pelas UEES no âmbito estadual e o incentivo a essas experiências dos movimentos de educação e cultura popular possivelmente contrariaram a elite conservadora e as forças militares do Brasil, bem como os representantes do capital internacional como a Aliança para o Progresso e a USAID.

Assim no dia 1 de abril de 1964 é constituído o golpe civil militar, destituindo o governo João Goulart e por portaria extinguida a grande maioria das medidas desse governo. Em Sergipe o Movimento de Cultura Popular foi extinto por portaria no dia 10.04.1964. (OLIVEIRA, 1989).

### **Os processos educativos do Centro Popular de Cultura (CPC da UEES).**



O CPC da UEES teve uma importante atuação nos processos educativos e culturais sergipanos com a criação de grupos de teatro, musicais, entre outros. E também no combate ao analfabetismo apoiando as iniciativas de outros movimentos. A ideia de Cultura Popular estava sendo difundida.

Com os brasileiros cada vez mais engajados politicamente, a cultura que cercava a população necessitava trazer os aspectos políticos entrelaçados com a expressão popular. Por meio disso, os artistas eram divididos em três grupos: os artistas conformados, com artes que serviam apenas para entreter; o segundo grupo consiste em artistas indignados com o sistema brasileiro, mas que nada fizeram para mudar a realidade, ambos os grupos considerados alienados e, devido a isso, acabavam por neutralizar-se diante das opressões causadas pela elite.

O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Estadual de Estudantes Sergipanos (UEES) foi formado em dezembro de 1961, seguido pela elaboração do Manifesto do Centro Popular, que demonstrava as opiniões politizadas por meio da arte, sem espaço para artistas conformados ou indiferentes. “é defendido então, que tanto os artistas, quanto os intelectuais brasileiros, estivessem dentro de um das seguintes categorias: os conformados, os inconformados ou ainda, aqueles que adotavam uma atividade revolucionária consciente e consequente”. (MENEZES, 1998, p.11). Consequentemente, o CPC era formado por intelectuais, artistas e estudantes militantes inconformados.

Com isso, um terceiro grupo surgiu: artistas revoltados com a conjuntura brasileira da época, dispostos a demonstrar isso através da sua arte com a finalidade de mudar sua realidade ao mesmo tempo em que conscientiza outras pessoas. Chamado de Arte Popular Revolucionária “é popular ao identificar-se com as aspirações do povo, procurando então, despertá-lo e fazê-lo refletir sobre os problemas sociais que o envolvem, revolucionando a sociedade e levando-a a tomada de poder.” (Idem, p. 13). Artistas, músicos, escritores e intelectuais juntaram-se em um só grupo a fim de despertar a consciência populacional. Dessa forma, grupos de teatros (e teatros volantes) foram formados como forma de levar entretenimento e mensagens de despertar pra população. Diversos grupos de teatro surgiram com os mesmos objetivos, como o Teatro Arena e o Teatro Gato de Botas, sendo este último mais presente na realidade sergipana. O TGB foi criado em 1948 por Franco Zamparini, com o objetivo de

transmitir aspectos culturais e proporcionar ao público uma leitura do mundo a sua volta permitindo uma conscientização e politização. Através de suas

apresentações eles se propunham a trabalhar a cultura popular reagindo contra a influência americana dentro da nossa cultura. (Idem, 1998, p. 37).

Em Sergipe, o TGB tornou-se uma das principais formas de politização lúdica. Com teatros volantes, os atores viajavam pelos interiores do Estado encenando peças que possuíam linguagem de fácil entendimento e mensagens de conscientização política. Visando o benefício das classes mais pobres, os estudantes dos movimentos universitários seguiam a linha marxista de que: “se o trabalhador tudo produz, a ele tudo pertence”, ou seja, querendo se distanciar da ideologia imperialista dos Estados Unidos, criando uma aliança entre trabalhadores e estudantes.

Além da vertente artística, constituída pelo TGB e as viagens do teatro volante, o TBG completava suas ações através da rádio. A Rádio Cultura sendo sua principal mídia de atuação, foi fundada em 1959 por Dom José Vicente Távora e tinha como principal objetivo contribuir diretamente com o Movimento de Educação de Base (MEB), projeto baseado no método criado por Paulo Freire, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos.

Com um horário exclusivo para o Teatro Gato de Botas, o programa logo caiu no gosto popular. Os atuantes no programa eram estudantes universitários que lutavam pela conscientização crítica da população por meio de suas peças. Sendo um programa lúdico e de fácil entendimento, os autores tinham como principal intenção o incentivo a criticidade de seus ouvintes, por meios da compreensão do mundo além de suas vivencias e compreensão do mundo através de sua realidade.

O TGB contribuía diretamente com o MEB mantendo a aula mais divertida para os alfabetizandos, que consistiam principalmente em trabalhadores rurais que após um longo dia de labuta reuniam-se em locais que tinham os rádios receptores. Com a turma reunida, o TBG era responsável pela interação entre os alunos e o radialista, que interagiam com os estudantes a fim de livrá-los das tensões do dia e auxiliar com o processo de alfabetização.

Como atuantes diretos do MEB, o CPC tinha uma veia voltada as artes, com o objetivo de dar visibilidade aos artistas regionais. Contudo, é preciso entender os tipos de artes existentes da época. A arte do povo era “fruto das sociedades não desenvolvidas industrialmente, pequenas cidades ou interiores atrasados economicamente. Esse tipo de arte não continha critica politica, apenas apresentando o meio ao qual o artista está exposto. A Arte popular “apresenta um maior grau de elaboração politica, possuindo como publico a população da zona urbana, apesar deste constituir uma plateia passiva. Proporciona ao publico



momentos de prazer”. (p. 13). Ou seja, era arte volta para os burgueses e os mais favorecidos economicamente. Ambos são considerados formas de arte alienadas por não estarem preocupados em exibir sua revolta com a realidade, sendo passiva e servindo para seus expectadores uma forma de entretenimento.

Já a arte popular revolucionaria “é popular ao identificar-se com as aspirações do povo, procurando então, despertá-lo e fazê-lo refletir sobre os problemas sociais que o envolvem, revolucionando a sociedade e levando-a a tomada de poder.” (Idem, p. 13). Esse era o tipo de arte e artista que o CPC dava seu apoio, a arte que impressionava e fazia pensar. O tipo de arte em que o individuo teria que usar seu senso crítico para notar sua realidade na arte.

As atividades de CPC da UEES eram articuladas com o MCP, MEB e outros movimentos de educação e cultura popular. José Vieira (2017) mostra como se deu a articulação entre CPC da UEES e MCP. Em linhas gerais o CPC da UEES com suas poesias, teatro e música participavam nas atividades dos outros movimentos difundindo suas ideias de Cultura Popular. Segundo esse autor “o CPC da UEES passou a atuar de modo direto nos movimentos de educação e cultura popular, imprimindo-lhes uma concepção de ensino definida como “revolucionária”. Essa concepção de ensino foi previamente externada no hino do CPC da UEES”

Centro de Cultura  
Vai apresentar  
A todos vocês (bis)  
A Cultura Popular  
A cultura que vem do povo  
Cultura para libertar  
Cultura do grupo novo (bis)  
Cultura Popular

Povo de Sergipe  
Povo brasileiro  
Escute com atenção  
Nosso grito de guerreiro  
Grito de luta de toda a nação  
Que levará ao povo a revolução

[Desperta, povo brasileiro  
Que a hora já chegou  
Hora da liberdade (bis)]

O referido autor mostrou a importância do CPC da UEES na criação do restaurante universitário aqui em Aracaju como forma de atender antigas reivindicações que o

movimento estudantil universitário fazia desde os anos de 1950. E da reforma universitária que a UNE estava naquele momento difundindo em todo o Brasil, sendo em Sergipe difundida pelo CPC da UEES. A respeito do hino e das atividades culturais do CPC da UEES José Vieira observou

Alimentando essa linha de atuação, o CPC da UEES participa do I Festival de Cultura Popular, evento patrocinado pela coordenação do Movimento de Cultura Popular mantido pela Secretaria de Educação do Estado. Dentro desse contexto, ao se avaliar o teor do hino e a participação em eventos dos estudantes / artistas cepecistas da UEES, percebe-se como eles compartilhavam tanto a necessidade de fomentação de experiências de alfabetização como a de que essas experiências surgissem a partir da valorização da cultura popular presentes nas tradições folclóricas do estado, a exemplo do “Grupo Guerreiro”, que serviu de inspiração para a indumentária, o hino e as coreografias do mencionado CPC. (CRUZ, 2017, p.221).

Em Sergipe o Movimento de Cultura Popular e o Centro Popular de Cultura da União do Estadual dos Estudantes Sergipanos provocaram mudanças significativas nos processos socioeducativos educativos e culturais.

Não obstante na construção de práticas políticas e educativas de conscientização e politização junto às classes populares, produziram saberes e movimentos voltados a transformação da realidade brasileira e, sobretudo sergipana. Os Centros de Cultura, círculos de cultura, o Teatro Gato de Botas, as atividades artísticas organizadas pelos movimentos de educação e cultura popular no período de 1960 a abril de 1964. Esses movimentos com o Plano Nacional de Alfabetização foram fundamentais para enraizar transformações culturais arcaicas como o analfabetismo, a miséria, entre outros aspectos do subdesenvolvimento em Sergipe. Contudo devido ao êxito de suas ações a elite brasileira e de modo particular, a elite sergipana não foi capaz de mobilizar esforços em tornar o Brasil um país autônomo e soberano. Vinculada ao capital internacional logo articula um golpe civil militar destruindo todas as possibilidades até então empreendidas pelos movimentos de educação e cultura popular e pelos processos democráticos e de desenvolvimento autônomo.

### Considerações finais

Os anos de 1950 e 1960 no Brasil no campo político de Getúlio a João Goulart, na literatura das ciências sociais teve vigência o populismo. O nacional-desenvolvimentismo também se pode considerar como forma de síntese econômica e social daquele período. A

industrialização estava em processo de ampliação, contudo vincula-se o capital internacional tornando assim o Brasil um país que não houve transformações na estrutura capitalista. Mesmo com os avanços desse período até abril de 1964, com a tentativa de reforma agrária, com o combate ao analfabetismo, com as medidas econômicas e as tentativas de reformas de base o governo brasileiro não foi capaz de ensejar as mudanças radicais necessárias, sendo golpeadas todas as possibilidades naquele momento com o golpe civil militar, tanto no âmbito nacional, como em Sergipe.

Já os processos socioeducativos dos movimentos de educação e cultura popular em Sergipe pode-se afirmar que abriram possibilidades de transformações capazes de abalar as estruturas governamentais fechadas. Abriram possibilidades de mobilização e participação concreta das classes populares na tomada de decisão sobre as reformas de base e principalmente no sentimento de fortalecimento de suas relações enquanto classe social. Os/as jovens e adultos/as além do conhecimento das letras, de frases e textos. Das contas, da resolução de problemas passaram também a conhecer o mundo, principalmente da situação concreta em que viviam.

Por fim o CPC das UEES, o MCP e outros movimentos como o MEB criaram na prática processos socioculturais os quais questionaram de modo crítico a cultura alienada norte americana. Fortaleceram relações e processos culturais de soberania nacional, valorizando as raízes culturais brasileiras, levando a música através dos cantadores populares, o folclore crítico, o teatro da Arena do povo e criando material crítico da literatura que valorizasse a memória desses movimentos.

## Referências

CRUZ, José V. **Da autonomia à resistência democrática: Movimento Estudantil, Ensino Superior e a Sociedade em Sergipe (1950-1985)**. Maceió/AL: EDUFAL, 2017.

CRUZ, José V. **O Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes Sergipanos: CPC da UEES – E os Movimentos Culturais do início dos anos de 1960 (1962-1964)**. São Cristóvão / Departamento de História / UFS, 1998. (Monografia para a conclusão do curso de Licenciatura de História).



MENEZES, Magna. **As Ideias Cepecistas e o teatro Gato de Botas em Aracaju no início dos anos 60**. São Cristóvão / Departamento de História/UFS, 1998. (Monografia de Conclusão de Curso da disciplina prática de Pesquisa no Curso de Licenciatura de História).

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **A participação da USAID na educação em Sergipe**. São Carlo/SP: Universidade Federal de São Carlos, 1989 (Mestrado em Educação).

### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

#### **Acácio Nascimento Figueredo**

Licenciado em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. Mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Educação na Universidade Tiradentes. Professor do curso de Licenciatura em Física no Instituto Federal de Sergipe.

Email: [acacioian@zipmail.com.br](mailto:acacioian@zipmail.com.br)

#### **Bianca Sthephanny Martins Gomes**

Formada em Letras – Inglês pela Universidade Tiradentes. Foi bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UNIT (2017-2018) e novamente bolsista PIBIC/CNPq (2018-2018) em projeto de Iniciação Científica pelo programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN).

Email: [b.martinsgomes@gmail.com](mailto:b.martinsgomes@gmail.com)